



UNIVERSIDAD
NACIONAL DE
CHIMBORAZO

Revista de Ciencias Sociales y Humanidades

CHAKIÑAN

ISSN 2550 - 6722

Número 18 / DICIEMBRE, 2022 (213-228)

**AS PAISAGENS NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO
ARQUEOLÓGICO**

*LANDSCAPES IN THE HISTORY OF ARCHAEOLOGICAL
THOUGHT*

*LOS PAISAJES EN LA HISTORIA DEL PENSAMIENTO
ARQUEOLÓGICO*

DOI:

<https://doi.org/10.37135/chk.002.18.15>

Artículo de Reflexión

Recibido: (25/03/2022)

Aceptado: (26/07/2022)

Alex De Barros



*Professor Ocasional Universidad Nacional de
Chimborazo, Riobamba, Ecuador, Doutorando em
Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo, Brasil*
alex.alves@unach.edu.ec



AS PAISAGENS NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO ARQUEOLÓGICO

LANDSCAPES IN THE HISTORY OF ARCHAEOLOGICAL THOUGHT

LOS PAISAJES EN LA HISTORIA DEL PENSAMIENTO ARQUEOLÓGICO

RESUMO

Entendendo a arqueologia como a mais interdisciplinar das ciências, esta associada a consolidação de um recente arcabouço teórico e de métodos próprios ajunto a necessidade incondicional de associar os conceitos propostos à prática, o presente artigo tem como proposta tecer uma breve discussão sobre o conceito de arqueologia da paisagem e seus desdobramentos no que diz respeito a história do pensamento arqueológico. Por meio de uma correlação e descrição arqueográfica entre as diferentes escolas, conceitos e seus principais autores, apresentaremos um panorama geral do uso dos conceitos das paisagens no âmbito da interpretação dos contextos de interação entre humanos, meio ambiente e materialidade, assim como sua problemática e alcance no escopo de atuação da arqueologia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia da paisagem, lugares, teoria e método, história do pensamento arqueológico, arqueologia brasileira

ABSTRACT

Understanding archeology as the most interdisciplinary of sciences associated with the consolidation of a current theoretical framework and its methods, together with the unconditional need to associate the proposed concepts with practice; this article proposes to weave a brief discussion on the concept of archeology of the landscape and its unfolding concerning the history of archaeological thought. Using an archaeological correlation and description between the different schools, concepts, and their main authors, we will present an overview of the use of landscape concepts in the context of the interpretation of the contexts of interaction between humans, environment, and materiality, as well as its problematic and range within the scope of Brazilian archeology.

KEYWORDS: *Landscape archeology, places, theory and method, history of archaeological thought, Brazilian archeology*

RESUMEN

Entendiendo la arqueología como la más interdisciplinar de las ciencias, está asociada a la consolidación de un reciente cuerpo teórico y de métodos propios, junto a la necesidad incondicional de asociar los conceptos propuestos con la práctica, el presente artículo se propone tejer una breve discusión sobre el concepto de la arqueología del paisaje y su desdoblamiento con respecto a la historia del pensamiento arqueológico. Mediante una correlación y descripción arqueográfica entre las diferentes escuelas, conceptos y sus principales autores, se presenta un panorama del uso de los conceptos de paisaje en el contexto de la interpretación de los contextos de interacción entre humanos, medio ambiente y materialidad, así como su problemática y alcance en el ámbito de la arqueología brasileña.

PALABRAS CLAVE: *Arqueología del paisaje, lugares, teoría y método, historia del pensamiento arqueológico, arqueología brasileña*

INTRODUÇÃO

Sob a perspectiva da arqueologia, independente do assunto a ser tratado no que diz respeito a interpretação dos diferentes contextos e materialidades de uma maneira intencional ou não, a problemática das paisagens sempre fará parte de qualquer premissa, entendendo as dimensões espaciais/geográficas e temporais inerentes as paisagens recorrentes nas discussões arqueológicas. Os conceitos intrínsecos a paisagem como ambientes, ecologia, recursos, espaços e lugares, foram tratados de diferentes maneiras, sob a ótica das diferentes escolas e concepções da arqueologia enquanto ciência.

A arqueologia do século XXI caracteriza-se por ser tanto uma atividade laboral de campo, como uma busca intelectual científica e laboratorial. Tem como principal objetivo o estudo dos variados sistemas socioculturais, que abrangem desde sua gênese estrutural, mecanismos e dinâmicas em relação a permanências, mudanças e transformações culturais no decorrer do tempo e espaço, noções do comportamento humano em relação ao ecossistema, paisagens e fenômenos que intermedeiam essas relações, tendo como fulcro o estudo da cultura material evidenciada em contextos de interação humana. (De Barros 2018:20)

Nesta perspectiva, a arqueologia contemporânea entendida como a mais interdisciplinar das ciências (Araujo 2019; Bicho 2011), se apresenta como uma disciplina humanística e histórica, atuando exitosamente como uma ciência social relacionada as ciências da terra, e mais recentemente acompanha o desenvolvimento das inovações atômicas introduzidas ao campo acadêmico a partir da metade do século XX, resultando em um importante acercamento às ciências físicas e químicas.

Apesar de sua jovialidade no que diz respeito a consolidação de seu corpus teórico e de métodos próprio, num lócus de pouco mais de um século

de prática da famigerada história do pensamento arqueológico (Trigger 2004), é possível identificar e caracterizar o arcabouço de compreensões sobre a adoção das paisagens arqueológicas para a elucidação dos espaços ocupados e adaptados pelas práticas socioculturais e comportamentais humanas.

Com uma assertiva orientação das ciências geográficas e ambientais (Morais 2011, 2012; Wagner 1972), passando por uma ampliação e desenvolvimento da ciência por meio do uso de tecnologias espaciais e de sistematização de dados (Binford 1962; Clarke 1972), mais recentemente, adjunto ao novo caráter holístico da ciência arqueológica, temos um acercamento a premissas antropológicas, fenomenológicas e comportamentais (Cosgrove 1984; Ingold 2001; Zedeño & Bowser 2009; Kormikiari 2014), a questão das paisagens ou paisagens culturais possibilitou uma melhor compreensão da relação da interação contínua entre humanos, ambientes e materialidade.

METODOLOGIA

No presente artigo de reflexão tecemos um panorama geral relacionado a paisagem enquanto paradigma teórico em relação ao seu desdobramento na prática arqueológica, levando em consideração sua evolução enquanto conceito e seus diferentes entendimentos, escolas e principais autores, trazendo como principais referências Binford (1962, 1978, 1980, 1983), Kormikiari (2014), Schlanger (1992), Zedeño (2008) e Zedeño e Bowser (2009).

Em uma organização metodológica que valora o enfoque qualitativo permeando a revisão da literatura especializada e suas principais problemáticas, interpretações e significados, com desenho de investigação de narrativa sistemática (Hernández, Fernández y Baptista 2014), onde explicaremos os diferentes processos e fenômenos vinculados à aplicação do conceito de paisagem em relação a ciência arqueológica.

Ocorrendo uma clara linearidade histórica sobre o desenvolvimento da temática, organizamos o presente manuscrito com a proposta de apresentar, correlacionar y contextualizar os principais períodos, autores, escolas e epistemologias que trabalharam com a terminologia das paisagens ou afins, discutindo e reflexionando sobre suas premissas, e por fim, teceremos um breve panorama de atuação e possíveis caminhos para a sequência da temática em seu campo prático e teórico na arqueologia brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Independente da corrente teórica ou premissa seguida, a arqueologia da paisagem hoje pode ser considerada como um conceito unanime aceito pelos acadêmicos (com alguma formação em arqueologia), sendo possível verificar pelo menos um capítulo dedicado a temática nos diferentes clássicos manuais da disciplina (Trigger 2004; Bicho 2011; Price & Knudson 2018; Renfrew & Bahn 2004), e apesar de sua ampla disseminação enquanto premissa teórica e por vezes metodológica, é factível verificar uma ampla problemática no que diz respeito a sua discussão entre as diferentes escolas e premissas epistemológicas, possivelmente inerentes a ausência de diálogos entre os diferentes grupos, assim como por uma eventual barreira imposta pelo idioma.

A PAISAGEM NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO ARQUEOLÓGICO

Apesar de se tratar de uma premissa que vai além de caracterizar um *background* onde as relações humanas são tecidas (Ashmore & Knapp 1999; Zedeño & Bowser 2009; Ingold 2001), a terminologia arqueologia da paisagem figura os jargões clássicos das temáticas da arqueologia mais recentemente (Fleming 2006; Kormikiari 2014).

Ademais de ainda ser considerada uma área auxiliar ou secundária (Morais 2011, 2012), segue a premissa de uma arqueologia de campo e a partir do manuscrito de Hoskins publicado originalmente em 1955 com o título *The Making of the English Landscape* (Hoskins 2013) vemos a temática propriamente em pauta, resultando a cunhagem do conceito a partir da publicação *Landscape Archaeology: In introduction to fieldwork techniques in Post-Roman landscape* em 1974 por Mick Aston e Trevor (1974) (Kormikiari 2014).

A arqueologia da paisagem toma distintas interpretações dependendo do autor, escola e período, não obstante, a temática deve ser entendida nas entrelinhas pois mesmo ocorrendo a ausência de sua configuração conceitual nos períodos iniciais da arqueologia, não se pode ignorar sua intrínseca presença no que diz respeito a interpretação dos lugares e as pessoas, adotando premissas da geografia e das ciências da terra, a paisagem se caracteriza como uma construção social (Santos 1994, 1996a, 1996b, 1997) e deve ser entendida dentro desta dinâmica.

Uma Arqueologia da Paisagem, ou do Lugar, impõe a interdisciplinaridade e o diálogo com perspectivas teóricas distintas. Mas o que são paisagens? e como a abordagem paisagística pode facilitar a compreensão dos processos históricos e culturais na Arqueologia? Neste sentido, a abordagem da paisagem é relevante para o objetivo da Arqueologia de explicar o passado humano por meio de sua habilidade em reconhecer e avaliar as relações interdependentes e dinâmicas que as pessoas mantêm com as dimensões física, social e cultural de seus meio-ambientes ao longo do tempo e do espaço. (Kormikiari 2014:5)

As paisagens, concebidas como lugares significativos, adaptados, biográficos e econômicos, exercem relações entre os seres humanos e o ambiente por intermédio da cultura material ou da materialidade, está é uma premissa básica para a compreensão do ser e estar na paisagem, da qual, é possível verificar e caracterizar sua assinatura (Gould 2009; De Barros 2021).

Estes fenômenos são passíveis de identificação desde as primeiras formas de organização social, seja por meio da adaptação de ambientes específicos para a realização de manifestações rupestre (Finlayson & Warren 2018; Cummings, Jordan & Zvelebil 2014), por períodos de domesticação destas paisagens iniciadas por processos de sedentarização (Fleming 2006; Lau 2010; Zedeño 2008), até a ampla modificação destes meios, comuns as sociedades mais hierarquizadas e com processos de urbanização (Adams 1989; Zedeño & Bowser 2009), nos permite afirmar que a relação destes grupos com o meio vai além de uma questão econômica.

In addition to agricultural fields and farming techniques, the Anasazi technological repertoire included domestic structures, storage facilities, agricultural processing facilities, field camps from which wild resources and raw materials were collected, and the tools needed for planting, harvesting, processing, and preparing a wide variety of foods. The Anasazi established at least two types of facilities on the landscape: habitation loci and limited activity loci. Previous work (Schlanger & Orcutt 1986) suggests that habitation loci were used as residential components and were the site of several features including domestic structures, substantial shelters for inhabitants and for storing goods, and facilities for carrying out personal maintenance activities including food preparation, storage, consumption, tool manufacture, tool repair, and other activities associated with living at a residential base. (Schlanger 1992:97)

Quiçá, antes mesmo de conceber a arqueologia como ciência, este fenômeno tem sua aplicabilidade confirmada na história do pensamento arqueológico, do qual, temos o período dos colecionistas e dos gabinetes de curiosidades como uma primeira possibilidade da aplicação das questões da paisagem.

Mediante a organização de espaços e classificações materiais de acordo a uma incipiente tipologia, cronologia e origem geográfica, ocorre uma reconstrução em muitos casos hipotética de uma paisagem controlada, e outras pouco mais realistas, com a reconstrução

de espaços etnográficos contemporâneos a estas práticas (Impey & Macgregor 2001; Trigger 2004; Figueiredo e Vidal 2013).

Mesmo que seja uma premissa meramente ilustrativa, é possível identificar uma natural necessidade em associar os materiais a suas paisagens originais com o objetivo de consolidar possíveis narrativas para esta dinâmica, verificando uma aproximação a história da arte, que precisamente constitui as pinturas de paisagens ou *landscape painting* como gênero artístico na Europa por volta do século XVII (Cosgrove 1984; Gombrich 2019).

Seguindo esta sequência histórica, a prática arqueológica do século XVIII expande sua dimensão colecionista à grande busca de relíquias do passado, em muitos casos, interpretando e reinterpretando documentos clássicos para o descobrimento (evidência) de cidades perdidas ou da reconstrução de dinâmicas históricas do passado mediante a busca e escavação de sítios mitológicos, nascendo nesta ocasião a arqueologia clássica, como é o caso das escavações em Herculano e Pompeia (Rodríguez 2011).

Neste sentido, estes primeiros trabalhos também apresentaram o conceito de paisagem atrelado a uma representação simbólica/mitológica e ambiental meramente descritiva dos seus locais de origem, uma vez más vemos a representação da história da arte como eixo interpretativo.

Logo da breve descrição dos primeiros momentos da prática arqueológica amadora ou incipiente, para o século XIX e XX, ocorre uma ampla consolidação da ciência arqueológica em relação as técnicas de campo e interpretações dos contextos arqueológicos (Wheeler 1955, 1979; Woolley 1940; Kenyon 1957, 1971). Nesta conjuntura, as ciências da terra passam a figurar o corpus teórico e metodológico da arqueologia, dando início a interdisciplinaridade da disciplina junto a outras ciências, em especial da geografia e da geologia (Vita-Finzi & Higgs 1970; Roper 1979).

No arcabouço do desenvolvimento da arqueologia histórico culturalista, temos os primeiros intentos de reconstrução das paisagens antigas e da

designação da importância de nichos ambientais específicos que possibilitaram a consolidação dos primeiros grandes assentamentos humanos, para logo, as primeiras urbanizações e cidades.

Seguindo este programa interpretativo, se destacam os trabalhos de Childe (1950, 1973, 1978, 1981) com estudos sobre a pré-história europeia e do oriente médio mediante a adoção de noções marxista sobre questões de estruturas sociais e do materialismo histórico, consolidando-se importantes paradigmas, como as revoluções culturais (Neolítica e Urbana) que perpassando o entendimento das continuidades e mudanças culturais.

A questão de ambientes que configuraram o sucesso dessas revoluções, como a identificação de enclaves-chave para os desenvolvimentos de sociedades agrícolas (Zedeño & Bowser 2009) e questões incipientes de domesticações vegetais, mesmo não utilizando a terminologia das paisagens, é possível verificar indícios de questões de lugares persistentes, paisagens sagradas e lugares significativos em sua concepção econômica (Cosgrove 1984; Schlanger 1992; Trigger 2004).

Persistent places are places that were repeatedly used during long-term occupations of regions. They are neither strictly sites (that is, concentrations of cultural materials) nor simply features of a landscape. Instead, they represent the conjunction of particular human behaviors on a particular landscape. Persistent places fall into one or more of the following categories. First, a persistent place may have unique qualities that make it particularly suited for certain activities, practices, or behaviors... Second, a persistent place may be marked by certain features that serve to focus reoccupations. (Schlanger 1992:97)

É notável uma agenda acadêmica singular anglo-saxônica para os exemplos a pouco apresentados, o que não ausenta a presença de outros grupos europeus, ocorrendo um destaque as premissas da escola francesa neste escopo. Ainda no século XVIII, surge um interesse motivado pelas viagens de naturalistas as colônias, em especial as americanas, sobre

aspectos tecnológicos, materiais e sociais destas de culturas contemporâneas em relação a materialidade europeia pretérita (Pelegrin 2020). A observação e descrição destas exógenas paisagens visitadas, geraram inquietações e premissas para o entendimento da relação desta beleza virgem natural como um condicionante as formas de vida ancestrais.

Avançando na cronologia de atuação da escola francesa, frente a adoção de um arcabouço teórico e metodológico da sociologia em especial junto aos trabalhos de Durkheim (1990, 1997) e Mauss (2003, 2008), no campo da arqueologia temos a adoção da peleoetnografia promovida por Leroi-Gourhan (1950, 1964a, 1964b, 1972), incorporando uma perspectiva técnica, comportamental, econômica, espacial e sociocultural as interpretações, ocasionando o desenvolvimento do conceito da *chaîne opératoire*.

Este conceito perpassa o entendimento da existência de uma intrínseca relação entre o comportamento humano e a cultura material, intermediada pelas dinâmicas ambientais, que mais do que fazer plano de fundo a estas dinâmicas, são responsáveis pela existência das mesmas, seguidas por outras compreensões no escopo das econômicas das paisagens, como o conceito *économie du débitage et économie des matières premières* proposto por Perlès (1980).

Ainda que não ocorra uma direta citação da terminologia das paisagens, para Leroi-Gourhan, não é possível compreender a dimensão cultural sem levar em consideração a relação das populações pretéritas com a paisagem/ambiente, como um delineador das histórias humanas de longa duração, onde as manifestações humanas são traduzidas pela materialidade, que por sua vez são produto do comportamento humano, organizadas dentro de um sitio e seu entorno que propiciam a consolidação de comportamentos técnicos sociais.

Os programas a pouco apresentados se tratam de iniciativas de investigadores europeus, e parte desta concepção acompanha o panorama social destes contextos, em grande parte colonialista e notavelmente particularista no que diz respeito

ao outro (Dmitriev 2009; Hamilakis 2016; Silliman 2015).

Os eventos que procedem esta dinâmica estão associados ao final das colônias e a expansão econômica de novas potências, como é o caso dos Estados Unidos, que passa a rivalizar os antigos centros de produção de conhecimento, quicá com um olhar mais próximo as alteridades locais.

Acompanhando os grandes avanços da ciência com as teorias evolucionistas consolidadas por Darwin e com a valoração dos estudos etnográficos em diferentes partes do mundo, perguntas originadas nestes contextos começam a chamar a atenção e a arqueologia também segue esta premissa para formular seu arcabouço interpretativo (Zedeño 2008; Zedeño & Bowser 2009).

Orientados por esquemas antropológicos evolutivos sobre as paisagens (Morgan 1877; Tylor 1958; 1971; White 1959), acompanhando as premissas das ciências biológicas, novos esquemas evolutivos e sistemáticos foram aplicados a arqueologia, em grande parte com estudos realizados no continente americano com o enfoque na compreensão do desenvolvimento das sociedades em relação ao grau de desenvolvimento, fatores ambientais que condicionam ou impulsionam uma dita evolução cultural.

Para estas premissas se destacam os conceitos de fronteiras culturais mediante o diagnóstico de ecótonos, complexos sociobiológicos e parâmetros ambientais que regulam as sociedades, com o exemplo mais clássico das limitações ambientais (paisagens inóspitas ou não favoráveis ao desenvolvimento de sociedades complexas, paisagens condicionantes !?) permeadas pelo determinismo ecológico e a ecologia cultural em especial aplicadas para as terras baixas amazônicas (Evans & Meggers 1968; Meggers 1942, 1971, 1990; Meggers & Evans 1957) e as terras baixas maias e Mesoamérica central (Armillas 1949, 1950; Sears 1951; Palerm 1954, 1955; Bullard 1960; Sanders 1962, 1965).

A arqueologia moderna foi delineada a partir esquemas neoevolucionistas, neopositivistas e em especial com a aplicação do modelo nomológico-dedutivo ou empiricista de Hempel (Araujo 2019), que é complementado pela adoção de novas tecnologias originadas no contexto pós segunda guerra mundial, datações absolutas, tecnologia espacial, análises biológicas e ambientais em edição a uma sistematização excessiva do registro arqueológico, dão origem a denominada *New Archaeology*, ou arqueologia processual, encabeçada por Lewis Binford.

A Nova Arqueologia surge como uma crítica aos anteriores modelos teóricos, em especial ao histórico culturalismo, assim como pelo seu grande afã de cada vez mais consolidar a arqueologia como uma ciência independente e relacionada a antropologia (Binford 1962, 1978, 1980, 1983), justificando a necessidade de sistematizar e transformar o registro arqueológico em dados passíveis de mensuração e modelação (Trigger 2004).

Neste escopo, surge um desdobramento sobre o conceito de paisagens arqueológicas e possivelmente este seja o primeiro de uma virada ontológica amplamente destrinchada pela arqueologia pós-processual. Segundo Zedeño e Bower (2009), no âmbito do positivismo que acompanhou o advento da *New Archaeology*, alguns aspectos das dinâmicas da natureza humana foram negligenciados, onde muitas das premissas propostas estão elencadas ao programa de atuação da geografia positivista, mais preocupada em utilizar ferramentas quantitativas e análises espaciais em vez da relação das paisagens culturais.

Although human ecology and cultural geography have had a great impact on anthropological theory since the 1930s (Steward 1955; Steward and Seltzer 1938; Wedel 1941, 1953), the positivism that accompanied the advent of the New Archaeology initially bypassed numerous aspects of human-nature dynamics for those most likely to create a conspicuous material record (Binford 1962). At that time, positivist geographers who favored quantitative tools of spatial analysis over the not-so-easily delimited and measured

cultural landscapes also made important inroads in archaeological research.
(Zedeño & Bower 2009:2)

Binford com a publicação do artigo *The Archaeology of place* (1982) foi o pioneiro a propor uma interpretação do conceito de *lugar*; argumentando que, até que voltemos a proporcionar uma séria atenção para o projeto de métodos confiáveis para monitorar as condições de interesse do passado (reconstruções paleoambientais), não seremos capazes de abordar questões fundamentais por meio da investigação de vestígios arqueológicos, sendo necessário voltar a atenção analítica para o papel dos diferentes lugares na organização dos sistemas culturais (Zedeño & Bowser 2009).

Com a premissa de novos olhares ao espaço habitado, de maneira geral a arqueologia processual permitiu uma melhor compreensão da inserção e interação dos seres humanos nas paisagens, com a preposição de que os lugares são representativos e mais do que condicionar, proporcionam novas dinâmicas nos sistemas culturais, delineando e compondo respostas ao comportamento humano mediante a materialidade, a modificação e adaptação na paisagem. É importante ressaltar que o caráter de uma ciência dura (Hamilakis 2016) que implica dados quantitativos, possivelmente limitou de maneira atenuante a consolidação de novas perspectivas para a relação do comportamento humano e o meio.

No âmbito da compreensão dos lugares, Basso (1996) tece considerações importantes para esta virada ontológica, ao inferir a intrínseca relação entre a identidade, trajetória, memória e noção de pátria atribuída aos lugares, onde a história humana, quanto ambiental e material, reside no conhecimento oriundo do viver a história nestes lugares (Zedeño 2008; Zedeño & Bowser 2009).

Neste sentido, é na arqueologia pós-processual que o conceito de paisagem ganha corpo, pratica e discussão, acarretada pela premissa de um século XX e XXI permeado por câmbios na forma de ver o outro (acompanhando o desenvolvimento da ciência antropológica e sua relação intrínseca ao fortalecimento epistemológico da ciência arqueologia, em casos entendida como uma

ciência em comum).

Estes novos olhares permitem uma melhor noção do colonialismo em todas suas facetas, e a necessidade de entender as dinâmicas dos fenômenos do comportamento humano mediante a uma interdisciplinaridade mais holística, com uma certa crítica ao núcleo estático e duro constituído e defendido pela arqueologia processual (Trigger 2004).

Importantes considerações são tecidas neste contexto, partindo da busca de definir uma ampla agenda intelectual e política neste escopo, trazendo em pauta a necessidade de que o arqueólogo seja mais do que um investigador distante de seu objetivo de estudo, mas que tenha noção da necessidade de agir como um sujeito inerente as dinâmicas e problemáticas de seu objeto de estudo. Como exemplo destas praticas temos a atuação junto as comunidades tradicionais/indígenas ou que preservam os saberes ancestrais em seu cotidiano, minorias étnicas e outras que foram negligenciadas até então (Colwell-Chanthaphonh 2009; Ingold 2001; Zedeño & Bowser 2009).

Este programa mais holístico entorno as paisagens e lugares se preocupa em descrever e explicar como determinados lugares são compostos de elementos-chaves para a compreensão de como os espaços sociais são construídos, cambiados e preservados, incorporando facetas biológicas, topográficas, geopolíticas, ideológicas, cosmológicas, de memórias e mnemônicas do lugar, compreensões sobre a dinâmica das redes entre os lugares, lugares e as paisagens e estes e por fim representam a intrínseca relação das paisagens e a consolidação do comportamento humano (Zedeño & Bowser 2009).

Um importe feito ponderado pela virada ontológica sobre a teoria arqueológica no que diz respeito as paisagens correspondem a noção de colonialismo e do pós-colonialismo nos estudos de grupos pretéritos e recentes. Estas premissas se encontram atreladas as novas concepções de paisagem (Cosgrove 1984; Colwell-Chanthaphonh 2009; Hamilakis 2016; Ingold 2001; Zedeño & Bowser 2009), gerando um importante e inovador programa conceitual,

uma miscelânea de novas perspectivas teóricas sobre os lugares persistentes (Shcalanger 2012), lugares significativos (Zedeño 2008; Zedeño & Bowser 2009), lugar, memória e metáfora (Zedeño & Bowser 2009), espírito dos lugares (Driessen 2010), da temporalidade das paisagens e a percepção do meio ambiente (Ingold 2001), paisagens políticas (Smith 2011), uma arqueologia da soberania que reflete a organização dos grupos humanos na paisagem (Smith 2011), questões de memória, mobilidade e do trabalho colaborativo nas paisagens herdadas ou roubadas (Silva & Noelli 2015).

ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM NO CONTEXTO BRASILEIRO

Para a arqueologia brasileira, o tema das paisagens não foi negligenciado, sendo necessário levar em consideração que grande parte das iniciativas teóricas propostas para o contexto brasileiro, em um primeiro momento, seja para a formação de novos profissionais ou da realização de projetos regionais, é oriunda de adaptações de premissas teóricas e de métodos de escolas europeias (Inglaterra e França) e estadunidenses, com grande expressão da participação da escola francesa e da escola norte americana em especial (Barreto 2000).

Este panorama de formação deve ser visto com bons olhos, já que esta múltipla formação permite aos profissionais da arqueologia um leque de opções metodológicas e conceituais que melhor pode se adaptar ao contexto a ser estudado.

Um consenso no que diz respeito a alteridade do registro arqueológico americano, em especial o brasileiro, gira em torno da consolidação de novas possibilidades de entender as paisagens e suas implicações sobre o comportamento humano e a materialidade, o que possibilitou uma ampla quantidade de estudos que propõem novas perspectivas, como é o caso dos estudos realizados na Amazônia brasileira (Brochado 1980, 1984; Heckenberger 1996; Neves 2020; Roosevelt 1980, 1991), proporcionando novas

interpretações sobre a relação das populações indígenas pré-coloniais e pós-coloniais com o lugar, em um complexo meio de domesticação, adaptação, manejo e modificação das paisagens.

Na última década, projetos regionais proporcionam uma aproximação e reconstrução dos modos de vida e das dinâmicas socioculturais dos povos indígenas do Brasil em período pré-colonial, colonial e pós-colonial (seja por intermédio do estudo da cultura material e seus contextos ou mediante a análise dos registros etnográficos e a atuação do trabalho etnográfico de campo ou etnoarqueológico) em relação aos diferentes biomas e paisagens do país.

Destacamos a atuação dos trabalhos do Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (LAEP/CEGEO/ICT/UFVJM), coordenado pelo Dr. Marcelo Fagundes, (Fagundes, Kuchenbecker, Vasconcelos & Gonzaga 2020).

Territorialidades ameríndias no Alto Vale do Itajai, com a preposição de um olhar a partir da Arqueologia, da Ecologia e da Paleontologia, coordenados por Juliana Machado, Lucas Bueno, Nivaldo Peroni e Patricia Hadler e o Projeto Paisagens Jê Meridionais: ecologia, história e poder numa paisagem transicional durante o Holoceno tardio, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Antônio Dantas de Blasis (Corteletti *et al.* 2014).

Também temos outros projetos que por mais que não tenham a cunhagem da terminologia das paisagens em seu título principal, aplicam diferentes abordagens sobre as paisagens que dão corpo às interpretações dos registros, contextos, dinâmica, e práticas arqueológicas, como é o caso do projeto arqueológico Quebra Anzol, Minas Gerais, MAE-USP, coordenado pela Professora Dra. Marcia Angelina Alves desde a década de 80 (Alves 2009; De Barros 2018).

Outra exitosa propostas diz respeito a realização da arqueologia colaborativa, a interpretação de contextos etnográficos e sua relação com os lugares do passado, com destaque aos trabalho de

Silva (2008, 2013) e Silva e Noelli (2015) junto aos grupos Asurini do Xingu, onde foi possível estabelecer complexas reconstruções históricas destes grupos, involucrando momentos de transformações sociais, tecnologia ancestrais, deslocamentos, conflitos e reminiscências com esta história de longa duração, onde segundo Silva:

No entanto, desde 1982, ocorreram muitas mudanças na chamada arqueologia do lugar. Na atualidade, vários autores se dedicam a estudar os lugares para além de seus significados em termos de organização e logística sócioeconômica. Os lugares assim como as paisagens passaram a ser entendidos como significativos, adjetivados de várias maneiras (p.ex. sagrados, perigosos, tradicionais, culturais) e estudados em termos de suas biografias, significados metafóricos e metonímicos, políticas, lógicas, redes, transformações e persistências. (Silva 2013:31)

Esta nova forma de lidar com as paisagens entorno as problemáticas e alteridades locais, possivelmente também serviu de base para a aplicação de tais conceitos em contextos exógenos, como é o caso da aplicação teórica e metodológica das paisagens para a arqueologia clássica (Kormikiari 2014), da Mesoamérica (Arcuri 2017; França 2007, 2009, 2010) e dos Andes (Arcuri 2009, 2012), desenvolvida desde a distância ou com visitas e trabalhos arqueológicos de campo e análises de cultura material *in situ* esporádicos.

CONCLUSÕES

É digno de ressalva que este ensaio apresenta suas limitações em relação ao estilo da publicação, do espaço destinado e da quantidade de autores descritos, assim como outras importantes escolas e epistemologias da teoria arqueológica que tampouco foram citadas, como a arqueologia soviética, a arqueologia alemã e outros campos de produção do conhecimento secundários. Dentre os campos secundários

ocorre destaque a produção de conhecimento do oriente de modo geral e da Península Ibérica, sendo necessário destacar a este último contexto a extensa produção relacionada as paisagens propostas por Criado-Boado (1991, 1995, 1999), com premissas da geografia e miradas holísticas da ciência entendendo a paisagem desde uma realidade empírica, sociológica e culturalista (1991, 1995) que deve ser analisada desde a preposição e uso de métodos de análise da paisagem (1995, 1999), sem embargo, seu contexto de difusão e uso está restrito a escala local e regional de países com cercania a realidade linguística do autor, com presença diminuta no contexto brasileiro.

Com esta premissa, optamos pelo recorde às correntes mais reproduzidas a nível mundial, e aquelas que seguem sendo difundidas no Brasil, e que sem dúvida, foram responsáveis pela formatação do lócus de produção do conhecimento atual.

Não obstante foi possível ponderar alguns delineamentos, em primeiro lugar, ocorre uma linearidade em relação a utilização do conceito da arqueologia da paisagem, que nasce como uma premissa meramente ilustrativa e como campo da reconstrução da história simbólica e mitológica de ocupações pretéritas, característica dos primeiros momentos da arqueologia.

Estes inícios são sucedidos por uma adaptação de modelos geográficos e uma percepção das paisagens em relação a manifestação material e da organização humana, sendo possível identificar momentos de valoração dos ambientes e a identificação das relações econômicas entre seres humanos e o ecossistema e de enclaves ambientais que mesclam biografias locais e comportamento social.

As pessoas criam lugares através de suas experiências com o meio (tangível e intangível), dando significados a eles e produzindo conhecimento sobre os mesmos. Os lugares tem uma dimensão individual e social, bem como agência para modelar e influenciar as ações das pessoas. Os lugares são irremediavelmente ligados à história e à memória das pessoas e, por isso, podem também assumir dimensões

políticas e identitárias. (Silva 2013:31)

Consecutivamente, temos um amplo desenvolvimento da disciplina na arqueologia moderna, voltada mais para a quantificação e caracterização ecológica das paisagens por parte dos processualistas, acompanhada por uma virada ontológica no que diz respeito a atuação de investigadores pós-processuais, onde o lugar é abordado em uma miscelânea de perspectivas, incluído a arqueologia comportamental, antropologia, cosmologia e fenomenologia, teoria social contemporânea, geografia, história, etnohistória e arquitetura (Zedeño & Bowser 2009).

A partir desta conjectura, não é plausível seguir com a prática arqueológica sem levar em consideração a questão das paisagens e dos lugares, pois independente do contexto, os fenômenos comportamentais involúcos a produção da materialidade ocorrem em um espaço/lugar, e este lugar exerce uma agência direta em relação a atividade humana.

Em contrapartida, é plausível afirmar que independente da premissa, escola e conceito, a temática das paisagens deve sempre ser levada em consideração nas interpretações da ciência arqueológica, ademais da falta de diálogo entre as diferentes escolas, fenômeno este que sem dúvida dificulta o avanço da prática das paisagens e lugares, e que no caso brasileiro e da América Latina em geral, ocasionou uma melhor prática dada a convivência entre diferentes epistemologias no que diz respeito a interpretação da alteridade local e dos avanços da arqueologia.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES: O autor declara não ter qualquer conflito de interesse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adams, R. (1989). *Los orígenes de la Civilización Maya*. México D. F., México: FCU.
- Alves, M. A. (2009). *Assentamentos e cultura material indígena anteriores ao contato no sertão da farinha podre, MG, e Monte Alto, SP* (Tese de Livre-docência). São Paulo, Brasil: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- Araujo, A. (2019). *Por uma arqueologia cética*. Curitiba, Brasil: Prismas.
- Arcuri, M. (2009). O Tahuantinsuyu e o poder das huacas nas relações centro x periferia de Cusco. *Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia. Suplemento*, (supl.8), 37-51. <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5939.revmaesupl.2009.113507>
- Arcuri, M. (2012). Paisaje y monumentalidad en Ventarrón: nuevos aportes al debate acerca del origen del Estado en el Formativo Inicial andino. In: I., Alva (Org.), *Ventarrón y Collud: origen y desarrollo de la civilización en la costa norte del Perú* (pp. 273-280). Lambayeque, Perú: Ministerio de Cultura del Perú, Unidad Ejecutora Naylamp Lambayeque.
- Arcuri, M. (2017). Legitimidade ou legitimação? Discutindo território, identidade e política no Planalto Central Mexicano do Pós-clássico e Pós-clássico tardio. In: E., Santos, L., França, C., Martins (Org.), *História e Arqueologia da América Indígena em tempos pré-hispânicos e coloniais* (pp. 187-201). Florianópolis, Brasil: Editora da UFSC.
- Armillas, P. (1949). Notas sobre sistemas de cultivo en Mesoamérica: cultivos de riego y humedad en la cuenca del Río de las Balsas. *Anales Del Instituto Nacional De Antropología E Historia*, 6(3), 85-113. <https://revistas.inah.gob.mx/index.php/anales/article/view/7153>

- Armillas, P. (1950). Teotihuacan, Tula y los Toltecas. Las culturas post-arcaicas y pre-aztecas del centro de México. Excavaciones y estudios, 1922-1950. *RUNA, Archivo Para Las Ciencias Del Hombre*, 3.
- Ashmore, W. & Knapp, B. (1999). *Archaeologies of landscape: Contemporary Perspectives*. Oxford, England: Black Well Publishers.
- Aston, M, & Rowley, T. (1974). *Landscape archaeology: an introduction to fieldwork techniques on Post-Roman landscapes*. Newton Abbot, England: David and Charles.
- Barreto, C. (2020). Construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, (44), 32-51. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p32-51>
- Basso, K. (1996). *Wisdom Sits in Places Landscape and Language among the Western Apache*. Albuquerque, USA: University of New Mexico Press.
- Bicho, N. (2011). *Manual de Arqueologia Pré-histórica*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Binford, L. (1962). Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*, (28-2), 217-225. <https://doi.org/10.2307/278380>
- Binford, L. (1978). Dimensional Analysis of behavior and site structure: Learning from an Eskimo hunting stand. *American Antiquity*, 443(3), 330-367. <https://doi.org/10.2307/279390>
- Binford, L. (1980). Willow smoke and dog's tails: Hunter-Gatherer settlement systems and Archaeological Site Formation. *American Antiquity*, (45-1), 4-20. <https://doi.org/10.2307/279653>
- Binford, L. (1982). The archaeology of place. *Journal of Anthropological Archaeology*, (01-1), 5-31. [https://doi.org/10.1016/0278-4165\(82\)90006-X](https://doi.org/10.1016/0278-4165(82)90006-X)
- Binford, L. (1983). *Working at Archaeology. Studies in archaeology*. Londres, Inglaterra: Academic Press, Inc.
- Brochado, J. (1980). *The social ecology of the Marajoara chiefdom* (Master's thesis). University of Illinois. Illinois, USA.
- Brochado, J. (1984). *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America* (Ph.D. Dissertation), University of Illinois. Illinois, USA.
- Bullard, W. (1960). Maya Settlement in north Eastern Petén, Guatemala. *American Antiquity*, (25), 355-372. <https://doi.org/10.2307/277519>
- Childe, G. (1950). The urban revolution. *The Town Planning Review*, (20/1), 3-17. <https://www.jstor.org/stable/40102108>
- Childe, G. (1973). *La evolución social*. Madrid, España: Alianza Editorial.
- Childe, G. (1978). *Los orígenes de la civilización*. México D. F., México: Fondo de Cultura Económica.
- Childe, G. (1981). Nuevos métodos y objetivos en la Prehistoria. En J. A., Pérez (Ed.), *Presencia de Vere Gordon Childe* (pp. 95-120). México D. F., México: Instituto Nacional de Antropología e Historia.
- Clarke, D. (1972). *Models in Archaeology*. London, England: Methuen.
- Colwell-Chanthaphonh, C. (2009). The archaeologist as a world citizen. In: L., Meskell (Ed.), *Cosmopolitan Archaeologies* (pp. 140-165). London, England: Duke University Press, Durham/London.
- Corteletti, R., Blasis, P., Iriarte, J., Fradley, M., Mayle, F., & Cardenas, M. (2014). Projeto Paisagens Jê Meridionais: ecologia, história e poder numa paisagem transicional durante o Holoceno tardio. *Caderno de Resumos - Simpósio*. São Paulo, Brasil: Museu de Arqueologia e

- Etnologia da Universidade São Paulo.
- Cosgrove, D. (1984). *Social formation and symbolic landscape*. London, England: The University of Wisconsin Press.
- Criado-Boado, F. (1991). Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje. *Boletín de Antropología Americana*, 24.
- Criado-Boado, F. (1995). The visibility of the archaeological record and the interpretation of social reality. In: I., Hodder *et al.*, *Interpreting Archaeology*, London, Inglaterra: Routledge.
- Criado-Boado, F. (1999). Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. *Capa-criterios y convenciones en Arqueología del Paisaje*, 6.
- Cummings, V., Jordan, P. & Zvelebil, M. (2014). *The Oxford Handbook of the Archaeology and Anthropology of Hunter-Gatherers*. London, England: Oxford University Press.
- De Barros, A. (2018). *Caçadores-coletores do médio vale do Paranaíba, Minas Gerais: estudo inter-sítios da cadeia operatória e sistema tecnológico* (Dissertação de Mestrado). São Paulo, Brasil: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- De Barros, A. (2021). *Arqueologia regional das ocupações caçadoras-coletoras do Vale do Paranaíba, Minas Gerais: Perenidade e alteridade cultural a partir da preposição de modelos organizacionais para os padrões, sistemas de assentamentos, paisagem e tecnologia lítica* (Projeto de Doutorado). São Paulo, Brasil: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- Dmitriev, S. (2009). (Re-)constructing the Roman empire: from imperialism to post-colonialism. An historical approach to history and historiography. *Annali Della Scuola Normale Superiore Di Pisa. Classe Di Lettere e Filosofia*, 1(1), 123-164. <http://www.jstor.org/stable/24308445>
- Driessen, J. (2010). Spirit of place: Minoan houses as major actors. In D. J., Pullen (Ed.), *Political Economies of the Aegean Bronze Age: Papers from the Langford Conference* (pp. 35-65). Oxford: Oxbow Books.
- Durkheim, E. (1990). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris, França: PUF/Quadrige.
- Durkheim, E. (1997). *Leçons de sociologie*. Paris, França: PUF/Quadrige.
- Evans, C. & Meggers, B. (1968). *Archaeological Investigation on the Rio Napo, Eastern Ecuador*. Washington, USA: Smithsonian Institution Press.
- Fagundes, M., Kuchenbecker, M., Vasconcelos, A. & Gonzaga, A. (2020). Paisagens E Lugares? Caracterização Geoambiental E Cultural Dos Sítios Arqueológicos Do Complexo Três Fronteiras, Alto Vale Do Rio Araçuaí, Minas Gerais. *Revista Ra'e Ga Espaço Geográfico em Análise*, (47), 67-84. <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v53i0>
- Figueiredo, B. e Vidal, D. (2013). *Museus: dos gabinetes de curiosidades a museologia moderna*. 2 ed., Belo Horizonte, Brasil: Editora Fino Traço.
- Finlayson, B & Warren, G (2018). *The Diversity of Hunter-Gatherer Pasts*. Oxford & Philadelphia: Oxbow Books. *European Journal of Archaeology*.
- Fleming, E. (2006). Post-processual Landscape Archaeology: a critique. *Cambridge Archaeological Journal*, (16-3), 267-280. <https://doi.org/10.1017/S0959774306000163>
- França, L. (2007). O uso da ardósia em Teotihuacán. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (17), 333-343.
- França, L. (2009). A Indústria Lapidária em

- Teotihuacán. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (Supl.), 217-223. <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5939.revmaesupl.2009.113524>
- França, L. (2010). El jade y las piedras verdes en Teotihuacán, México. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (20), 327-344. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2010.89937>
- Gombrich, E. (2019). *A história da arte*. Lisboa, Portugal: Ed. LTC.
- Gould, R. (2009). *Living Archaeology: New Studies in Archaeology*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Hamilakis, Y. (2016). Decolonial archaeologies: from ethnoarchaeology to archaeological ethnography. *World Archaeology*, (48-5), 678-682. <https://doi.org/10.1080/00438243.2016.1209783>
- Heckenberger, M. (1996). *War and Piece at the Shadow of Empire: sociopolitical change in the Upper Xingu of Southeastern Amazonia, AD 1250-2000* (PhD. Dissertation), Pittsburgh, USA: University of Pittsburgh.
- Hernández, R., Fernández, C. y Baptista, P. (2014). *Metodología de la investigación*. México D. F., México: McGraw-Hill.
- Hoskins, W. (2013). *The Making of the English Landscape*. London, England: Ed. Little Toller Books.
- Impey, O. & Macgregor, A. (2001). *The Origins of museums: The cabinet of curiosities in sixteenth and seventeenth-Centure Europe*. Oxford, England: Clarendon Press, Oxford.
- Ingold, T. (2001). *The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. New York, USA: Routledge.
- Kenyon, K. (1957). *Digging up Jericho*. London, England: Ernets Benn.
- Kenyon, K. (1971) An Essay on Archaeological Techniques: The Publication of Results from the Excavation of a Tell. *Harvard Theological Review*, (64), 271-279. <https://doi.org/10.1017/S0017816000032545>
- Kormikiari, M. (2014). Arqueologia da paisagem. *Labeca MAE/USP*, 1-21. http://labeca.mae.usp.br/media/filer_public/2014/07/16/kormikiari_arqueologia_paisagem.pdf
- Lau, G. (2010). The work of surfaces: object words and techniques of enhancement in the ancient Andes. *Journal of Material Culture*, (15-3), 259-289. <http://mcu.sagepub.com>
- Leroi-Gourhan, A. (1950). *Les fouilles pré-historiques – technique et méthodes*. Paris, France: A. ET Picard.
- Leroi-Gourhan, A. (1964a). *Le geste et la parole, 1: Technique et langage*. Paris, France: Editions Albin Michel.
- Leroi-Gourhan, A. (1964b). *Le geste et la parole, 2: La mémoire et les rythmes*. Paris, France: Editions Albin Michel.
- Leroi-Gourhan, A. (1972). Fouilles de Pincevent: essai d'analyse ethnographique d'un habitat magdalénien. *Gallia Prehistoire Supplément*, (Suppl. 7-1).
- Mauss, M. (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Brasil: Cosac & Naify.
- Mauss, M. (2008). *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Meggers, B. & Evans, C. (1957). Archeological investigations at the mouth of the Amazon. Washington, USA: Bulletin 167 of Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology.
- Meggers, B. (1942). *The native tribes of eastern Bolivia and western Mato Grosso*. Washington, USA: Bulletin 134 of Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology.

- Meggers, B. (1971) *Amazonia: Man and culture in a counterfeit paradise*. Chicago, USA: Aldine; Atherton.
- Meggers, B. (1990). Reconstrução do comportamento locacional pré-histórico na Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi: Série Antropologia, Belém*, (6-2), 183-203.
- Morais, J. (2011). *Perspectivas geoambientais da Arqueologia do Parapanema Paulista*. Erechim, Brasil: Habilis.
- Morais, J. (2012). Arqueologia da paisagem. In: Scheunemann, I.; Oosterbeek, L. (Org) *Gestão Integrada de território – economia, sociedade, ambiente e cultura*. Rio de Janeiro, Brasil: Instituto Bio Atlântica.
- Morgan, L. (1877). *Ancient society*, New York, USA: Holt.
- Neves, E. (2000). O velho e o novo na arqueologia amazônica. *Revista USP*, (44), 86-111. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p86-111>
- Palerm, A. (1954). La distribución del regadio en el área central de Mesoamérica. *Ciencias Sociales, Notas e Informacione*, (5-2) 64-74.
- Palerm, A. (1955). The agricultural basis of urban civilization in Mesoamerica, in *Irrigation Civilizations: A Comparative Study*. In: J. H., Steward (Ed.), *Social Science Monographs* (pp. 28-42).
- Pelegrin, J. (2020). Tecnologia lítica à francesa. *Revista de Arqueologia*, (33-1), 221-243.
- Perlès, C. (1980). Économie du débitage et économie des matières premières: deux exemples grecs. In: J., Tixier (Dir.), *Préhistoire et technologie lithique* (pp. 37-41). Paris, France: Editions du CNRS.
- Price, T. & Knudson, K. (2018). *Principles of archaeology*. London, England: Thames & Hudson College.
- Renfrew, C. & Bahn, P. (2004). *Archaeology: Theories, Methods and Practice*. London, England: Thames & Hudson.
- Rodríguez, M. (2011). Las excavaciones arqueológicas en el siglo XVIII: El descubrimiento de las ciudades de Herculano, Pompeya y Estabia. *Cuadernos de Ilustración y Romanticismo*, (3), 205-212. <https://revistas.uca.es/index.php/cir/article/view/411>
- Roosevelt, A. (1980). *Parmana: Prehistoric maize and manioc subsistence along the Amazon and Orinoco*. New York, USA: Academic Press.
- Roosevelt, A. (1991). Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In: W., Neves (Ed.), *Origens, Adaptações e Diversidade Biológica do Homem Nativo da Amazônia* (pp. 103-141). Belém; Brasil: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Roper, D. (1979). The Method and Theory of Site Catchment Analysis: A Review. In: M. B., Schiffer (Ed.), *Advances in Archaeological Method and Theory 2* (pp. 119-140). New York, USA: Academic Press.
- Sanders, W. (1962). Cultural Ecology of Nuclear Mesoamerica. *American Anthropologist*, (64-1), 34-44. <http://www.jstor.org/stable/666724>
- Sanders, W. (1965). *Cultural Ecology of the Teotihuacan Valley: a preliminary report of the results of the Teotihuacán Valley Project*. Pennsylvania, PA, USA: Dept of Sociology and Anthropology State University.
- Santos, M. (1994). *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo, Brasil: Editora Hucitec.
- Santos, M. (1996a). Da paisagem ao espaço: Uma discussão. In: II encontro nacional de ensino de paisagismo em escolas de arquitetura e urbanismo do Brasil, 2, São Paulo, Brasil. *Anais do ii enepea*.

Universidade São Marcos/FAU-USP.

[org/10.24885/sab.v26i1.366](https://doi.org/10.24885/sab.v26i1.366)

- Santos, M. (1996b). *A natureza do espaço*. São Paulo, Brasil: Hucitec.
- Santos, M. (1997). *Pensando o espaço do homem*. 4. ed. São Paulo, Brasil: Hucitec.
- Schlanger, S. & Orcutt, J. D. (1986). Site Surface Characteristics and Functional Inferences, *American Antiquity*, (51), 296-312.
- Schlanger, S. (1992). Recognizing persistent places in Anasazi settlement Systems. In: J., Rossignol & L., Wandsnider (Org.), *Space, time, and archaeological landscapes* (pp. 91-112). New York, USA: Plenum Press.
- Sears, P. (1951). *Pollen profiles and culture horizons in the basin of Mexico*. In *Civilization of ancient America. XXIX International Congress of Americanists*. Chicago, USA: University of Chicago Pres.
- Silliman, S. (2015). Comparative Colonialism and Indigenous Archaeology: Exploring the Intersections. In: C., Cipolla & K., Hayes (Eds.), *Rethinking Colonialism: Comparative Archaeological Approaches* (pp. 213-233). Florida, USA: University Press of Florida, Gainesville.
- Silva, F. & Noelli, F. (2015). Mobility and Territorial Occupation of the Asurini Do Xingu, Pará, Brazil: An Archaeology of the Recent Past in the Amazon. *Latin American Antiquity*, (26), 493-511. <http://www.jstor.org/stable/43746243>
- Silva, F. (2008). Ceramic Technology of the Asurini do Xingu, Brazil: an Ethnoarchaeological Study of Artifact Variability. *Journal of Archaeological Method and Theory*, (153), 217- 265. <https://doi.org/10.1007/s10816-008-9054-8>
- Silva, F. (2013). Território, Lugares e Memória dos Asurini do Xingu. *Revista de Arqueologia*, 26(1), 28-41. <https://doi.org/10.24885/sab.v26i1.366>
- Smith, A. (2011). Archaeologies of Sovereignty. *Annual Review of Anthropology*, (40), 415-432. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-081309-145754>
- Trigger, B. (2004). *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo, Brasil: Odysseus Editora.
- Tylor, E. (1958). *The Origins of culture, Part I. of primitive culture*. New-York, USA: Harper Torchbooks.
- Tylor, E. (1971). *Primitive culture*. London, England: Murray.
- Vita-Finzi, C. & Higgs, E. (1970). Prehistoric Economy in the Mount Carmel Area of Palestine: Site Catchment Analysis. *Proceedings of the Prehistoric Society*, (36), 1-37. <https://doi.org/10.1017/S0079497X00013074>
- Wagner, P. (1972). *Environments and Peoples*. Englewood Cliffm B. J., USA: Prentice-Hall, Inc.
- Wheeler, M. (1955). *Still Diggings: Interleaves from an Antiquary's Notebook*. London, England: Michael Joseph ed.
- Wheeler, M. (1979). *Arqueología de Campo*. Madrid, España: Fondo de Cultura Económica.
- White, L. A. (1959): *The evolution of culture*. New York, USA: McGraw-Hill.
- Woolley, L. (1940). *Digging Up the Past*. Harmondsworth, England: Pelican Books.
- Zedeño, M. & Bowser, B. J. (2009). *The Archaeology of meaningful places*. Salt Lake City, USA: The University of Utah Press.
- Zedeño, M. (2008). The Archaeology of Territory and Territoriality. In: B., David & J., Thomas (Eds.), *Handbook of Landscape Archaeology* (pp. 210-217). Walnut Creek, Left Coast: Press Online.